

Cadeira ainda é do pai

VILMA SILVEIRA

BRASÍLIA – Foi uma cena constrangedora. Logo após a posse de Antonio Carlos Magalhães Junior, o ex-senador Antonio Carlos Magalhães sentou na cadeira como se ainda fosse senador, deixando o filho na cadeira reservada aos assessores. ACM só se deu conta de que era o filho que tinha de ocupar a cadeira no gabinete pouco antes de deixar o Senado rumo à Bahia. Era tarde. ACM não tem data para voltar a Brasília, mas já se sabe que sempre retornar estará de volta à cadeira principal do gabinete do seu filho.

Sem esconder os olhos vermelhos e marejados, ACM cruzou a porta do gabinete às 12h45. Antes, ACM sentou-se na cadeira e começou a fazer dedicatórias num livro de homenagens. Depois, percebendo o constrangimento geral, desculpou-se. “Errei em sentar aqui. Agora, o senador é ele”, disse, apontando para Junior.

Sorriso – Em seguida, levantou-se para o filho ocupar a cadeira. ACM Júnior parecia pouco à vontade diante dos fotógrafos. Nem adiantou o pedido para que relaxasse. O pai ainda tentou ensinar, como se comportar frente as câmeras. “Dá um sorriso”, aconselhou. E nada, o novo senador permaneceu estático. Com a desenvoltura colhida em 47 anos de vida pública, ACM posou para os fotógrafos, abraçou os funcionários e despediu-se de cada assessor antes de partir.

No gabinete do agora senador Antonio Carlos Magalhães Junior pouca coisa deve mudar. “Vou pensar alguns projetos que possam vir pelas mãos do Junior”, revelou ACM, o pai. Na Bahia, ACM vai fazer política e viajar pelo interior. Aceitará até convites para visitar outros estados. “O povo brasileiro vai me fazer justiça”, diz. O ex-senador não acredita que tenha saído do episódio da violação do painel eletrônico com

a imagem chamuscada.

Ao contrário do dia da renúncia em que escolheu um terreno escuro e sóbrio, no dia da posse ACM vestiu roupas claras. No caminho para o Senado, Antonio Carlos mudou o trajeto tantas vezes percorrido para desviar-se de uma manifestação de estudantes em frente ao Congresso. Uma das faixas dizia: “ACM-Jader-FHC. Chega de corrupção. Fora!!!”.

Da hora em que deixou o gabinete até à saída do Senado, ACM pôs a mão direita no ombro do neto, filho de Luiz Eduardo Magalhães (morto em 1998). Luiz Eduardo Filho. Já à porta do carro, ACM acenou para os fotógrafos no gesto de adeus.

ACM voltou atrás e disse que seu filho e substituto no Senado, Antonio Carlos Junior, não vai assinar a CPI da Corrupção. “A tendência nossa é só assinar a CPI da Corrupção se ela for com o objetivo não político e sim de averiguação”.

Não à CPI – ACM deixou Brasília defendendo que seu partido, integrante da base aliada do governo, tenha candidato próprio à presidência da República nas eleições de 2002. Apesar de afirmar categoricamente que não é candidato a presidente e que pretende disputar uma vaga no Senado.

“Não sou candidato à presidência da República. Sou candidato ao Senado ou ao governo da Bahia. É mais provável ao Senado”, observou. “Fui linchado três meses. Você acha que eu tenho condição de ser presidente nesse linchamento? Deixa passar”, afirmou em mistério.

ACM disse que o PFL deu a ele independência para agir segundo sua consciência. “É isso que vou fazer. Quando o governo estiver certo, apóio. Quando estiver errado, pau nele. Pior é que só está errando”, criticou. O ex-senador considera “difícil” uma reedição da aliança que deu sustentação ao governo Fernando Henrique.